

A IMAGINAÇÃO EM FOCO: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Adriana Ferreira Gentil^{ID 1}

Resumo

No presente estudo objetivamos contrapor a compreensão de imaginação do senso comum, evidenciada nas práticas de ensino e na sociedade em geral, com as postulações teóricas sobre o desenvolvimento humano da Teoria Histórico-Cultural. Nesta revisão bibliográfica, partimos da conceituação do dicionário para traçar o contraponto com o conceito de imaginação na perspectiva da psicologia soviética. Valendo-nos das contribuições de Vygotski, dentre outros autores da mesma perspectiva teórica, concluímos que a imaginação faz parte de um sistema psicológico complexo e antagônico em sua função, sendo essencial ao pensamento figurativo e alegórico, mas também fundamental ao pensamento real, na tomada de consciência. Dessa forma, constatamos a necessidade de que a imaginação seja contemplada intencionalmente nos planos escolares, bem como sejam oportunizadas vivências que ampliem a experiência da criança com o mundo, para além dos elementos que lhe são familiares, qualificando o repertório psíquico e a imaginação.

Palavras-chave: Imaginação; Desenvolvimento humano; Teoria Histórico-Cultural.

THE IMAGINATION IN FOCUS: CONTRIBUTIONS OF HISTORICAL-CULTURAL THEORY

Abstract

In the present study we aim to oppose the understanding of common sense imagination, evidenced in teaching practices and in society in general, with the theoretical postulations on human development of the Historical-Cultural Theory. In this bibliographic review we start from the dictionary concept to trace the counterpoint with the concept of imagination in the perspective of Soviet psychology. Using the contributions of Vygotsky, among other authors, we conclude that the imagination is part of a complex psychological system and antagonistic in its function, being essential to figurative and allegorical thinking, but also fundamental to real thinking, in the realization of consciousness. In this way, it is necessary that the imagination be intentionally contemplated in school plans, as well as experiences that expand the child's experience with the world,

¹Doutora em educação-Unicamp, pesquisadora associado ao Laboratório de Observação e Estudos Descritivos – LOED/Unicamp, Supervisora escolar pela Secretaria Municipal de São Paulo.



beyond the elements that are familiar to him, qualifying the psychic repertoire and imagination.

Keywords: Imagination; Human development; Historical-Cultural Theory.

1. Introdução

Os estudos da Teoria Histórico-Cultural (THC) evidenciam a relevância de compreender o homem como ser social e, por consequência, compreendê-lo cognitivamente: as funções psicológicas que o determinam enquanto ser pensante e as implicações dialéticas com o contexto histórico-social no qual está inserido.

A imaginação enquanto função psíquica, concebida nessa perspectiva, tem papel fundamental na formação da consciência, visto que corrobora para que o homem não apenas represente a realidade, mas possa analisar, reestruturar, planejar e, assim, racionalize sobre ela. Desse modo, não se trata de uma função relacionada apenas às fantasias, mas a um importante recurso de transformação da realidade.

Neste estudo sobre a imaginação e as contribuições da THC, buscamos contrapor a compreensão de imaginação do senso comum, evidenciada nas práticas de ensino e na sociedade em geral, com as postulações teóricas sobre o desenvolvimento humano da psicologia soviética.

2. A imaginação segundo a Teoria Histórico-Cultural

A palavra *imaginação*, na língua portuguesa, pode ter vários sentidos que no senso comum, geralmente, são confundidos. Em pesquisa a um dicionário antigo e bem-conceituado, cuja edição data de 1958, há os seguintes desígnios:

Imaginação: faculdade de imaginar, de criar imagens pelo pensamento; faculdade de representar os objetos visíveis na ausência destes; faculdade de conceber o ideal. // Fantasia; faculdade que nutre na mente idéias de objetos reais, mais ou menos complexas, ou que as agrupa em grupos ordenados ou disparatados: Era uma larva, filha de uma imaginação efêmera (Herc.); A imaginação exaltada do povo tinha feito dele um santo (Idem).// Faculdade de inventar, de conceber, junta ao talento de reproduzir com viveza as concepções// *Imaginação viva*, a que representa os objetos com grande viveza e muitas vezes como realidades.// *Homem de imaginação*, o que tem a imaginação viva, o que se distingue pelo brilhantismo da fantasia.// Resultado da faculdade de imaginar; coisa imaginada; pensamento, objeto



imaginário, imagem: É uma grande lacuna na nossa história; mas antes fique assim do que enchê-la de *imaginação* (Garrett).// Crença, opinião que se adquire pela imaginação; falsa crença que se criou no espírito; superstição: isso é pura *imaginação*; Desvaneceu-a, a experiência no mundo, como tantas mil crenças e *imaginações* de outrora (Herc.).// Cisma, apreensão.// *Em imaginação* (loc. Adv.), de um modo imaginário ou imaginoso; na fantasia.// F. latim *imaginatio* (AULETE, p. 2654, 1958).

Em outra fonte, mais recente, imaginação é conceituada como:

1 Faculdade de imaginar, conceber e criar imagens. 2 Coisa imaginada. 3 Fantasia. 4 Crença ou opinião que provém da fantasia. 5 Superstição. 6 Cisma, apreensão. 7 *Psicol.* Utilização construtiva, embora não necessariamente de feição criadora, de experiências perceptivas anteriores; reorganização de elementos dessa espécie. 8 *Entom* Passagem de pupa ou ninfa a inseto adulto. *I. exaltada*: indivíduo que concebe idéias arrojadas. *I. viva*: a que representa objetos com grande viveza e muitas vezes como realidades. *Em imaginação*: de um modo imaginoso; na fantasia (MICHAELIS, 1998, p. 1128).

A partir da descrição de ambas as fontes, percebemos o quanto complexo é o conceito de imaginação, pois perpassa o conceito de fantasia, devaneio, superstição, cisma, crença, representação, criação, concepção e, no primeiro caso, pensamento.

De forma geral, analisando o emprego da palavra nos contextos populares, podemos dividir os conceitos que compreendem *imaginação* em dois grupos: no senso comum o termo *imaginação* tende a ser utilizado mais para designar fantasia, devaneio, crença e superstição. No âmbito escolar e acadêmico, *imaginação* engloba representações, criações e concepções.

Para iniciarmos o raciocínio precisamos ter clareza dos principais conceitos que se confundem com imaginação e em quais aspectos são distintas. Utilizando o dicionário como fonte inicial, verificamos que fantasia representa:

1 Faculdade criadora pela qual o homem inventa ou evoca imagens. 2 Obra de imaginação. 3. Ideia, devaneio. 4 Vontade passageira. 5 Capricho. 6 Extravagância. 7 Tolice. 8 Traje fantasioso que se usa no carnaval. 9 *Pint* Quadro em que o pintor despreza as regras estabelecidas para seguir a sua imaginação. 10 *Mús* Variação mais ou menos desenvolvida, sobre um trecho de música ou uma ária, segundo o capricho do artista. 11 *Tip* Qualquer caráter de letra que não seja do desenho dos tipos comuns (MICHAELIS, 1998, p. 937).



De fato, a conceituação de fantasia e imaginação no dicionário popular da língua portuguesa, assemelham-se principalmente nos aspectos de “faculdade criadora”, “ideia, devaneio” e em que “evocam imagens”.

Entretanto, aprofundando os estudos em imaginação, Vigotski (2009) defende que a fantasia não é coincidente com imaginação, mas também não é oposta a ela, sendo, portanto, uma particularidade da imaginação que compreende o aspecto mais figurativo, como “voos vertiginosos da fantasia intelectual” (VIGOTSKI, 2009, p. 59). Em outras palavras, podemos compreender fantasia como a parte mais alegórica e figurativa da imaginação, a qual está intimamente ligada às criações e elaborações livres dos elementos imaginativos.

Considerando tal particularidade da fantasia, questionamo-nos então: O que é imaginação, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural? O conceito de imaginação, apesar de conceituado pelos dicionários mencionados anteriormente, na psicologia abrange um caminho mais complexo e que reflete em toda a abordagem e compreensão do desenvolvimento cognitivo para a área da Educação. Eis a relevância científica do presente trabalho: evidenciar aos educadores e psicólogos a função e importância da imaginação no processo de humanização.

Na obra *Imaginação e Criação na Infância* (VIGOTSKI, 2009), o autor aborda a imaginação como função psicológica diretamente relacionada à representação da realidade que, em sua complexidade, está intrínseco ao raciocínio e às produções e criações humanas. O autor destaca essa função psicológica superior como

base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Neste sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Dessa forma, a imaginação é uma função psíquica que decorre da interação do sujeito com o meio social, em um movimento dialético de troca: a realidade promove a apropriação de elementos e representações subjetivas, as quais são reorganizadas e significadas interpsiquicamente e retornam ao meio social, transformando-o. É a cultura influindo sobre o desenvolvimento individual, mas também o sujeito influindo sobre a cultura, dialeticamente.

Os estudos da THC, como em Vigotski (2009) e Vigotski (2001), pautam-se no materialismo dialético, cuja compreensão do psiquismo humano e de suas funções partem da realidade e a ela retornam, em um movimento de intervenções que move a cultura e história da sociedade. Dessa forma, evidencia-se a distinção fundamental da compreensão antiga (e também da



compreensão popular) de imaginação: imaginação não se reduz às fantasias e alucinações criativas, para a THC ela provém e interfere na realidade material.

Vigotski (2009) aborda a imaginação relacionada a quatro formas com a realidade: primeiramente a imaginação apoia-se na experiência real do homem com o meio social, pois utiliza os elementos apropriados por meio das percepções nas vivências (objetos, imagens, ideias, sensações) para cultivar a imaginação. Não há reelaboração e reestruturação sem que se tenha previamente elementos que permitam tais procedimentos e, portanto, sem elas não há criação.

Na segunda relação entre imaginação e realidade, o autor destaca que a experiência também se apoia na imaginação, tendo em vista que a imaginação amplia a experiência a partir do relato de outras pessoas, de histórias literárias, textos e infinitas possibilidades que a linguagem permite. Dessa forma,

a pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheias. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana. Quando lemos o jornal e nos informamos sobre milhares de acontecimentos que não testemunhamos diretamente, quando uma criança estuda geografia ou história, quando, por meio de uma carta, tomamos conhecimento do que está acontecendo a uma outra pessoa, em todos esses casos a nossa imaginação serve à nossa experiência (VIGOTSKI, 2009, p. 25).

Podemos dizer, portanto, que com esta capacidade o homem é capaz de abstrair elementos a partir da descrição da vivência do outro, enriquecendo sua experiência e, consequentemente, seu próprio repertório imaginativo.

A terceira relação trata do caráter emocional da imaginação e realidade, afinal, ao associar sentimentos e emoções a uma vivência ou a retomar no plano da imaginação, uma remete a outra: uma emoção vivida numa experiência pode elucidar alguma imagem ou ideia no plano imaginativo, bem como ao imaginar algo ou alguma situação uma emoção pode vir à tona. Tomemos como exemplo uma situação na qual um jovem sentado num parque observa um casal abraçado: o jovem, por alguns momentos, imagina-se acompanhado por alguém que estima e, em seguida, toma-se por um sentimento de solidão ou de paixão. Nesse caso a imaginação desencadeou uma emoção. Na situação contrária podemos exemplificar com a seguinte cena: uma criança é contrariada pelo colega durante uma brincadeira. No mesmo momento é tomada pelo impulso da raiva e imagina-se quebrando o brinquedo para resolver o problema. Observe que a emoção precedeu a imaginação, buscando no plano figurativo uma solução para o problema real.

Finalmente, a quarta relação é a imaginação cristalizada, a construção imaginária que obtém forma no plano material. Nessa relação a imagem, ideia



ou figura reestruturada e criada na consciência humana é transformada em materialidade, ganhando forma e história, passando a compreender o mundo cultural. Nas palavras de Vigotski (2009, p. 29), a “imaginação torna-se realidade”.

Os estudos de Vigotski sobre a imaginação defendem a todo momento a forte relação entre a imaginação enquanto função psicológica e a representação da realidade, opostamente ao que a psicologia antiga e tradicional vinha abordando historicamente. Na obra *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*, o pesquisador dedica a quinta conferência a abordar as compreensões de imaginação nas diferentes tendências psicológicas, reconhecendo suas contribuições e tecendo suas críticas. Tomando a psicologia antiga como princípio de análise, o autor afirma que a imaginação era um enigma a ser dissolvido, pois a tendência era de compreender as funções psicológicas e a atividade psíquica como associações combinadas das experiências acumuladas pelo homem. Em outras palavras, o teórico critica a compreensão da psicologia antiga por entender a imaginação como mera associação de imagens e signos internalizados através da experiência anterior, rebaixando a imaginação a outras funções psicológicas.

Querendo ou não, a velha psicologia tinha de reduzir a imaginação a outras funções, porque a principal diferença entre a imaginação e as demais formas de atividade psíquica humana consiste no seguinte: a imaginação não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões anteriormente acumuladas. [...] o novo que interfere no próprio desenvolvimento de nossas impressões e as mudanças destas para que resulte uma nova imagem, inexistente anteriormente, constitui, como se sabe, o fundamento básico da atividade que denominamos imaginação (VIGOTSKI, 1998, p. 107).

Nessa mesma perspectiva, o autor aponta que Ribot, psicólogo associacionista que partilhava da compreensão da psicologia antiga, acabou por contribuir para o esclarecimento fundamental da imaginação enquanto função relevante e dissociada de memória, ao classificar a imaginação em dois tipos: a imaginação reprodutora, constituindo a própria memória, e a imaginação criadora ou reconstrutiva, referente às criações elaboradas psicologicamente. Destaca, ainda, que outra contribuição dessa perspectiva limitada, provinda de Ribot e Wundt, é a primeira compreensão da relação entre os sentimentos e a imaginação, sendo um problema a restrição da imaginação a estes determinantes.

É importante destacarmos, porém, que apesar de ser uma função distinta e específica, a imaginação é uma função psíquica que não opera isoladamente. Segundo Vygotski (2001), há um sistema psicológico que relaciona as funções, de modo que formem um todo psíquico, na qual cada função contribui de algum



modo com a outra, numa colaboração sistêmica. Para exemplificar, podemos considerar a relação entre a memória e a imaginação, visto que a primeira armazena os elementos percebidos na interação com a realidade, dando estofo para que a imaginação e demais funções operem com as informações internalizadas.

Destarte, a imaginação não apenas “conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). Toda experiência humana com a cultura gera elementos que são abstraídos e apropriados pelo homem, incrementando o repertório de conhecimentos e imagens. Esses elementos ricos em signos e significados é um material potencial para o repertório imaginativo do homem que, a partir do momento que se apropria de conteúdos culturais, pode reelaborar, recompor e criar novos elementos, ideias e imagens.

Para os intuitivistas a imaginação é uma função inata ao ser humano, que se confunde com o raciocínio humano e que, portanto, dele decorrem outras funções. Segundo Vigotski (1998), a imaginação nessa concepção assume aspecto primário no desenvolvimento psicológico humano, vindo ao encontro da perspectiva da psicanálise. Entretanto, apesar da imaginação ser essencial ao raciocínio e ser fortemente influenciada pela atividade e intencionalidade humana (incluindo o prazer, conforme a psicanálise), na concepção freudiana, a imaginação restringe-se ao princípio do prazer, sendo base para a teoria do egocentrismo infantil de Piaget.

O ponto de partida deste último consiste em que o primário é a atividade da imaginação ou do pensamento não dirigido para a realidade. Mas, diz ele, entre o pensamento do bebê não orientado em absoluto para a realidade e o do adulto - pensamento realista - existem formas transitórias. Essa forma transitória, ou intermediária, ou mista, entre a imaginação e o pensamento real é descrita por Piaget como o pensamento egocêntrico infantil. O egocentrismo infantil é a escala de transição entre a imaginação e o pensamento realista, isto é, do pensamento que lembra um leve sonho, uma visão, uma ilusão, ou, como diz metaforicamente Piaget, um certo espelhismo, que vive no campo do irreal, do desejado, ao pensamento cuja tarefa consiste em se adaptar à realidade e influenciar esta mesma realidade (VIGOTSKI, 1998, p. 115).

Observe que nos deparamos com um dos aspectos chaves da crítica de Vigotski à teoria piagetiana: o desenvolvimento do psiquismo e consciência humana são ligadas intimamente à realidade como decorrentes e interferentes no material, mas oposto a esse entendimento, Piaget defende que a imaginação decorre da necessidade de adaptação à realidade, fazendo jus à sua base organicista.



Como sabemos, a THC, apesar de não negar totalmente as contribuições das pesquisas realizadas por Piaget, diferencia-se fundamentalmente nas concepções de desenvolvimento humano. Para Piaget o desenvolvimento é decorrente do aparato biológico e naturalmente desencadeado a partir dos estágios de maturação do sujeito, sendo um processo de adaptação ao meio (realidade) que busca o equilíbrio através dos estágios de assimilação de elementos pertencentes ao meio em que vive e, em seguida, passa para a acomodação, nível em que o sujeito se reestrutura para possibilitar a adaptação ao meio social. Na perspectiva Histórico-Cultural o ensino, a apropriação dos elementos culturais, precedem o desenvolvimento, não sendo suficiente para o ser humano nascer com o aparato biológico: mais que isso, o ser humano precisa estar inserido à cultura, à produção histórica humana e apropriar-se dela para que desenvolva as funções psicológicas superiores e, consequentemente, desenvolva-se pra a humanização.

Outra diferença apontada por Vigotski (1998) entre a concepção de imaginação da psicologia piagetiana e a da THC, é que para Piaget, o egocentrismo infantil decorre da imaginação e, nessa etapa, não há socialização (é egocêntrica), não há comunicação através da linguagem. Vigotski, em seus estudos, contrariamente a suposição de Piaget, mostra que a imaginação, assim como as outras funções psicológicas superiores são sociais e comunicáveis.

Vigotski (2001; 1998) levanta a discussão com grande ênfase no que tange a imaginação e a linguagem. Partindo dos próprios exemplos de pesquisadores de mentalidade biológica, como Bleuler e Buylendijk, o autor observa analiticamente que:

De fato, as pesquisas evidenciaram que, no desenvolvimento da imaginação infantil, um grande passo está diretamente relacionado com a assimilação da linguagem, e que as crianças que experimentam um atraso no desenvolvimento desta última ficam extraordinariamente retardadas na evolução da imaginação. As crianças cujo desenvolvimento da linguagem segue um caminho deformado (digamos, os surdos, por ficarem total ou parcialmente mudos, carentes de comunicação através da linguagem) são ao mesmo tempo crianças com formas de imaginação enormemente pobres, escassas e às vezes realmente rudimentares. No entanto, partindo da tese de Freud e outros, dever-se-ia esperar que, quando na criança não está desenvolvida a linguagem, quando esta falta ou se atrasa, criam-se condições especialmente favoráveis para o desenvolvimento de formas de imaginação primária, não-comunicáveis, não-verbais. Por conseguinte, a observação do desenvolvimento da imaginação evidenciou a dependência entre essa função e o desenvolvimento da linguagem. Conforme foi estabelecido, o atraso no desenvolvimento da linguagem representa um atraso no da imaginação (VIGOTSKI, 1998, p. 120).



Dessa forma, o desenvolvimento da imaginação e da linguagem estão intrinsecamente relacionados desde o início, influenciando no desempenho qualitativo um do outro. Uma criança cuja dificuldade seja a comunicação verbal e não consiga expressar suas ideias e necessidades, terá por consequência uma imaginação menos desenvolvida e mais limitada. No caso contrário também há implicações: uma criança cuja imaginação tenha pouco elemento imaginativo refletirá na linguagem sua limitação, na formulação de frases ou composições de textos, por exemplo.

Vigotski (1998) utiliza os estudos de Bleuler para evidenciar que o desenvolvimento da linguagem impulsiona o da imaginação, considerando que para que a apropriação da linguagem ocorra é necessário apropriar-se do real, tomar consciência dos signos e significados sociais, extrapolando os limites postos das impressões imediatas e fantasiosas. Os elementos abstraídos e apropriados que partem da realidade, ricos em história, são importantes "materiais" para a imaginação, enriquecendo-a na medida em que essa apropriação e desenvolvimento são desencadeados.

Sendo a imaginação desenvolvida a partir da apropriação do real, orientada pela linguagem, o desenvolvimento dessa função não se esgota na primeira infância, pelo contrário, enriquece com o período escolar, no qual os elementos culturais, conhecimentos, ideias e signos são elaborados e sistematizados para a apropriação e desenvolvimento, qualificando cada vez mais a função da imaginação.

Essa afirmação de que a imaginação não se esgota, mas enriquece à medida em que o homem se apropria da cultura, desbanca o mito popular de que a criança "imagina mais que o adulto" ou que na infância a "imaginação é mais fértil que nas demais etapas da vida". Ora, se a criança, com relação ao adulto, está inserida há menos tempo na cultura humana, o adulto possui mais elementos e experiências vivenciados e abstraídos e, portanto, possui um maior repertório imaginativo.

[...] as pesquisas mostram a cada passo que o processo de desenvolvimento da imaginação infantil, assim como o processo de desenvolvimento de outras funções psíquicas superiores, está seriamente ligado à linguagem da criança, à forma psicológica principal de sua comunicação com aqueles que a rodeiam, isto é, à forma fundamental de atividade coletiva social da consciência infantil (VIGOTSKI, 1998, p. 123).

A compreensão da relação entre a linguagem e a imaginação é de extrema relevância para os estudos em imaginação, uma vez que reconhece a imaginação enquanto função não mais secundária e isolada, e passa a ser considerada como função essencial para as demais funções especificamente humanas. A imaginação, dessa forma, não se encontra compactamente em uma região do cérebro que é utilizada eventualmente: se há relação com a linguagem, com as



emoções, memórias e pensamento há que ser considerada muito mais que como uma mera função geradora de fantasia.

Vigotski (1998), nesse sentido, ainda na quinta conferência sobre a imaginação no desenvolvimento na infância, defende que a imaginação não deve ser considerada como uma função linear, mas como “uma forma mais complicada de atividade psíquica, a união real de várias funções em suas peculiares relações” (VIGOTSKI, 1998, p. 127), na qual a melhor designação encontrada pelo autor é *sistema psicológico*. O autor menciona esse aspecto também na obra publicada em 2001, versão em espanhol de “Problemas de Psicología Geral”.

Para tão complexas formas de atividade, que superam os limites dos processos que costumamos chamar de funções, seria correto utilizar a denominação de sistema psicológico, tendo em conta sua complicada estrutura funcional. São características desse sistema as conexões e relações interfuncionais que predominam dentro dele (VIGOTSKI, 1998, p. 127).

O sistema psicológico no qual a imaginação decorre é considerado complexo devido à sua relação com diversas outras funções psicológicas que, concomitantemente, não se esgota ou limita em nenhuma. É o caso das emoções, por exemplo. Vimos anteriormente que as emoções têm grande influência na imaginação e a imaginação sob as emoções, porém não é toda atividade imaginativa que provém ou remete a uma emoção.

Quanto à complexidade do sistema de imaginação, Vigotski defende a importância da função da imaginação na consciência humana. Dividindo o pensamento em dois grupos principais: o pensamento ou *imaginação visionária*¹ e o *pensamento realista*², o autor explicita como a imaginação não é exata em cada caso de pensamento, tomando aspecto fantasioso no caso da imaginação visionária, mas também como essencial à apreensão da realidade no pensamento realista.

Dito de outro modo, vemos que o pensamento lógico e o pensamento autista desenvolvem-se numa excepcional e estreita inter-relação. Uma análise detalhada nos permitirá arriscar uma formulação mais audaz: poderíamos dizer que ambos se desenvolvem unidos, que, em essência, na evolução de cada um não observamos em absoluto uma vida independente. Mais ainda, ao observar as formas de imaginação relacionadas com a criatividade, orientadas para a realidade, vemos que a fronteira

¹ Vigotski utiliza a expressão “imaginação visionária” ou “forma visionária de imaginação” nas páginas 115 e 125 da obra *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*, para designar a imaginação alucinatória, criação de uma realidade fantasiosa.

² Expressão utilizada por Vigotski, na mesma obra citada acima, a partir da página 124, para se referir ao pensamento não figurativo, ou seja, ligado às intenções e ideias reais do sujeito.



entre o pensamento realista e a imaginação se apaga, que a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista (VIGOTSKI, 1998, p. 128).

Dessa forma, o autor complementa afirmando que não é possível conhecer a realidade corretamente sem se valer da imaginação em algum aspecto, visto que a realidade está representada em nossa consciência.

Martins (2011), em pesquisa aos estudos de Vigotski sobre a imaginação, complementa e defende a função da imaginação para além das reelaborações de imagens:

Análise e síntese, comparação, generalização e abstração se impõem como operações imprescindíveis à imaginação e no transcurso de sua formação se destacam esquematizações, aglutinações, tipificações etc. de traços da realidade que lograram desconectar-se de relações objetivamente já estabelecidas. Todavia, se nos processos de pensamento prevalecem articulações entre ideias, entre conceitos e juízos, na imaginação imperam processos abstrato-figurativos sob a forma de novas imagens, em uma dinâmica de interpenetração de pensamento e imaginação (MARTINS, 2011, p. 187).

No mesmo sentido de Vigotski, Pereira et al (2009) sinaliza que Ignatiev defende a imaginação de modo que, além de depender dos elementos abstraídos na vivência social, também se relaciona à personalidade, intencionalidades e interesses do sujeito, desempenhando relevante influência no raciocínio humano.

Segundo Ignatiev (1969), a imaginação, capacidade especificamente humana, permite ao homem planejar suas ações e produzir um trabalho de um modo que nenhum animal é capaz de fazê-lo. Essa capacidade psíquica permite à criança um modo peculiar de comportamento que se reflete na fantasia. Nela a criança é capaz de produzir um desenho, brincar, inventar personagens (PEREIRA et al, 2009, p. 827).

A imaginação, portanto, é essencial na formação da consciência humana, visto que implica em diversos aspectos da personalidade, comportamento e representação da realidade intrapsíquicamente. Sua atuação na racionalidade demonstra que as ações de pensamento também se valem da imaginação para elaborar estratégias, analisar, planejar e criar resoluções, histórias, desenhos e qualquer outro tipo de produção humana.

Essa afirmação desmistifica a compreensão de que a imaginação é utilizada apenas na infância como produto da fantasia ou na fase adulta como



função criativa para as artes (teatro, pintura, escultura, etc.). Ela faz parte da formatação da consciência de tal modo, que se qualifica junto com o intelecto, dialeticamente.

5. Considerações finais

Como vimos, a imaginação, em sua complexidade, desempenha papel fundamental em diversas funções psíquicas, não somente nas criações e visualização de situações irreais (fantasiosas), mas corrobora para que a representação da realidade seja reelaborada intrapsiquicamente, reelaborando, ressignificando e projetando novas formulações. Essa habilidade subsidia o processo de criação, análise, planejamento e o próprio pensamento.

A imaginação, dessa forma, não pode ser compreendida no processo de ensino e aprendizagem como uma função isolada e relacionada apenas à fantasia, às brincadeiras e criações artísticas. É necessário que seja contemplado intencionalmente nos planos escolares vivências que ampliem a experiência da criança com o mundo, para além dos elementos que lhe são familiares, pois dessa forma terá repertório para uma imaginação enriquecida qualitativamente.

Em suma, podemos concluir que imaginação, contrariamente à forma como é concebida pela psicologia antiga e tradicional e pelos educadores construtivistas, que seguem a perspectiva piagetiana, não é uma mera função linear de reelaborações e criações fantasiosas, menos ainda reorganizadora de elementos exclusivos da memória: a imaginação faz parte de um *sistema psicológico* complexo e antagônico em sua função, sendo essencial ao pensamento figurativo e alegórico, mas também fundamental ao pensamento real, na tomada de consciência.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa 2.** Edição brasileira. Vol. II. Editora Delta: Rio de Janeiro, 1958.

PEREIRA, Maria José. RODRIGUES, Evaldina. JACOBSEN, Cristina Cerezuela. MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Brincadeira e inclusão na Educação Infantil.** Londrina, PR, 2009. Disponível em:
<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/100.pdf> Acesso em: 11 ago. 2022.

MARTINS, Ligia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica (Tese de livre docência). Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.



MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos. (Dicionário Michaelis), 1998.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância:** Ensaio Psicológico para professores. Editora Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Problemas de psicologia geral. **Obras escogidas.** Madri: Visor. Tomo II, 2001.

Recebido em: 05 de setembro de 2022.

Aceito em: 27 de setembro de 2022.

Publicado em: 31 de janeiro de 2023.

